

Suplemento
do Jornal
CONTEXTO
PASTORAL n° 28
Setembro/outubro
de 1995

Debate

12

Outra face da violência



Fundamentalismo religioso, neocristandade e o cerceamento de liberdade de pensamento e de expressão em nome de "verdades" absolutas são aspectos relacionados com um tipo de violência nem sempre percebida e muito menos analisada.

Debate apresenta a discussão desse outro lado da violência.

Páginas 3 a 12

PARA BARRAR A VIOLÊNCIA

Exemplos no movimento de Jesus mostram a desistência de usar a violência, em prol de uma 'causa boa', a do Reino de Deus. O teólogo luterano Milton Schwantes 'passela' pelo tema da violência em algumas passagens da Bíblia, do Antigo e do Novo Testamento.

Página 13

VIOLÊNCIA DISFARÇADA

Quando o assunto é violência, não é muito difícil abordá-lo, desde que se prefira ir pelo caminho mais óbvio e analisar o sem-número de fatos e acontecimentos que se apresentam diariamente aos olhos de todo o mundo. Afinal, crianças têm sido exterminadas, guerras têm destruído povos e nações, bandidos e traficantes têm promovido a morte na luta pelo poder das drogas, trabalhadores têm sido tratados como escravos, jovens são chacinados durante bailes *funk*. Quem não se lembra, por exemplo, do massacre da Candelária e da chacina em Vigário Geral, no Rio de Janeiro? da matança de presos em Carandiru, São Paulo? de denúncias de trabalho escravo no norte do País? ou quem não está acompanhando os intermináveis conflitos da Bósnia?

A violência, portanto, está aí, para quem quiser ver ou dela ouvir falar. Porém, além dessa violência explícita, há outra, mais sutil e mais velada, mas que tem também efeitos devastadores. Trata-se daquela em que a visão absolutista

e por vezes arrogante, baseada em verdades únicas e imutáveis, torna possíveis a perseguição e a exclusão daqueles que delas não compartilham ou que não cantam no mesmo tom.

No campo religioso, isso se mostra com muita frequência no fundamentalismo. E não é privilégio de uma ou outra tradição, já que tanto no islamismo como no protestantismo, por exemplo, o fenômeno está presente, mesmo que de formas e com desdobramentos diferentes. No caso protestante, a apropriação do conceito de verdade por parte de um grupo, tendo como base a leitura literal de um texto inerrante (Bíblia) e a correspondente doutrina tida como correta, tem sido instrumento de divisão e de perseguição no interior das instituições religiosas.

No caso da Igreja Católica, assistimos ao que poderíamos chamar de neocristandade, cuja força tem sido notória no pontificado do papa João Paulo II no sentido de fortalecer o poder romano e as posições por vezes fechadas sob o ponto de vista teológico diante de novidades que a abertura da Igreja ao mundo permite conhecer. Para o *establishment* eclesiástico, mais do que o adversário externo ou o concorrente, o inimigo é o dissidente, aquele que é capaz de recriar outras tradições dentro da mesma comunidade e assim abalar os fundamentos da tradição oficial.

É por esse caminho — ousado — da reflexão sobre a violência disfarçada que o Suplemento DEBATE decidiu trilhar para tratar o tema. Se, por um lado, representa um rumo controverso e difícil, por isso mesmo sem conclusões ou verdades absolutas, por outro, vale a originalidade de tocar em um ponto bastante importante quando o que se busca é uma reflexão teológico-pastoral a respeito da missão da Igreja e da forma como se relaciona com o mundo.

Completam o material deste Suplemento duas breves, mas contundentes, reflexões sobre as guerras civis e atentados terroristas que marcam o "século terrível", na percepção do autor, o jornalista Newton Carlos, e sobre a pena de morte, elaborada com a lucidez pelo também jornalista Jânio de Freitas.

DEBATE

Suplemento do jornal
Contexto Pastoral n° 28
Setembro/outubro de
1995

Publicação de KOINONIA
Presença Eumênica e
Serviço (Rua Santo
Amaro, 129 - 22211-230
- Rio de Janeiro RJ, Tel:
021-224-6713 e fax:
021-221-3016) e Centro
Evangélico Brasileiro de
Estudos Pastorais -
CEBEP (Rua Rosa de
Gusmão, 543-13073-120
- Campinas SP
Tel. e fax: 0192-411459).

Coordenadora da Unidade de Comunicação de KOINONIA

Magali do Nascimento
Cunha

Coordenador geral do CEBEP

Luiz Carlos Ramos

Conselho editorial

José Bittencourt Filho
Clóvis Pinto de Castro
Marcos Inhauser
Rafael Soares de Oliveira

Editor

Paulo Roberto Salles
Garcia (MTb 18.481)

Editores assistentes

Beatriz Araujo Martins
Jethér Pereira Ramalho

Editora de arte e diagramadora

Anita Slade

Redator

Carlos Cunha

Secretária de redação

Beatriz Araujo Martins

Fotolito e impressão

Tipológica Comunicação
Integrada

Tiragem

10 mil exemplares

O FUNDAMENTALISMO PROTESTANTE

Antonio Gouvea Mendonça

O título acima parece indicar que o fundamentalismo protestante é apenas um dos fundamentalismos contemporâneos que vêm sendo estudados pelos especialistas nas diversas religiões mundiais, assim como nas chamadas "novas expressões religiosas". Autores de reconhecido mérito acadêmico vêm confundindo as coisas e, ao englobar essas novas expressões religiosas dentro do contexto amplo de "seitas evangélicas" e, ao mesmo tempo, introduzi-las no universo mais extenso ainda de "seitas fundamentalistas", cometem tripla equívoco.

Equívocos e preconceitos. O primeiro é tomar como unívoco o termo fundamentalismo aplicando-o a toda a forma de pensamento ou ação que se aproxime de modelos de comportamento repressivo, discriminatório ou até violento, como o caso do islamismo atual; o equívoco, neste caso, parte do pressuposto de que a raiz dessas diversas formas de violência é exclusivamente a religião quando pode haver razões de outra ordem, presentes na cultura e expressas na religião.

O segundo equívoco está em chamar todas as expressões religiosas cristãs ou paracristãs contemporâneas de seitas evangélicas fundamentalistas quando, em si mesmas, pouco ou nada têm de fundamentalistas, pois que não trazem traços básicos do fundamentalismo como, por exemplo, o absolutismo da Bíblia, a intolerância

sectária e sistema doutrinário rígido. As "seitas evangélicas" são tão diversas entre si que dificultam a construção de um conceito que sirva de parâmetro adequado de análise para todos os fenômenos religiosos de matriz cristã que se afastem das principais tradições. Aliás, "seitas evangélicas" já constitui em si mesmo conceito cheio de ambigüidades, pois que, tanto "seita" como "evangélica" são hoje termos suspeitos de falta de rigor semântico. O uso deles exige sempre precisões preliminares.

O terceiro equívoco decorre do fato de a maioria das análises serem feitas do ponto de vista da cultura e do cristianismo tradicionais, vistos sem prévia crítica como tolerantes, liberais e democráticos.

Além desses equívocos, essa maneira generalizada de usar o termo fundamentalismo, além de erros conceituais, traz consigo preconceitos que obscurecem o problema atual do fundamentalismo.

O primeiro preconceito é o de confronto de culturas num mundo globalizado, quando o fundamentalismo é usado como forma de explicação de comportamentos culturais resistentes a mudanças e defensivos de tradições muito fortes, isto é, quando uma cultura reage a agressões externas, seja violentas ou sutis. No caso do Oriente Médio, por exemplo, o fundamentalismo islâmico surge como resposta religiosa mobilizadora de forças contra interesses do Ocidente que, entre

Não se pode encaixilhar todas as manifestações religiosas concorrentes com a religião majoritária, sob o conceito genérico de "seitas evangélicas"

outras coisas, ameaçavam a cultura tradicional, o que não se deve confundir com o complexo de forças conflitantes no interior do próprio islamismo que, à semelhança de outras religiões, produzem seu teor de opressão, repressão e marginalização, cujos agentes são a multiplicidade de seitas com maior ou menor poder de criar "verdades". O estigma de fundamentalismo para o Islã constitui um uso metafórico do Ocidente para designar a resistência aos seus interesses vários a respeito do Oriente Médio, com todos os atos de violência daí decorrentes.

O segundo preconceito é o de encaixilhar todas as manifestações religiosas concorrentes com a religião majoritária, sob o conceito genérico de "seitas evangélicas", no extenso, e portanto pouco compreensivo, conceito de fundamentalismo. Do posto privilegiado que lhes proporcionam as tradições e as instituições religiosas históricas, os estudiosos confundem concorrência religiosa com fundamentalismo num momento em que este termo assume conotações pejorativas quando, na sua ori-

gem, denota posição teológica rigorosa e, sob este ponto de vista, digna de respeito. Como já foi dito acima, as "seitas evangélicas" não podem, no seu todo, ser chamadas fundamentalistas porque faltam a muitas delas traços de identificação fundamentalista. Poder-se-ia acrescentar que elas nem sequer possuem sistemas de doutrina organizados, típicos do fundamentalismo original.

O terceiro preconceito é o de que as religiões cristãs tradicionais estão fora do universo dos diversos fundamentalismos e ainda constituem redutos de tolerância e liberdade a despeito dos múltiplos estudos já feitos a respeito do fundamentalismo original e de seus efeitos. Hoje, estando o campo religioso minado por múltiplas formas de religião mais atraentes para a massa desamparada da população, o fundamentalismo das religiões tradicionais direciona sua intolerância no sentido das "seitas evangélicas", esquecendo-se de que seu próprio fundamentalismo é que criou múltiplas formas de violência ao construir "verdades" absolutas.

O fundamentalismo é um fenômeno do protestantismo que, como tal, serve de parâmetro para o estudo de todas as formas de absolutismos religiosos e culturais que despertem a nossa atenção. É, portanto, necessário voltar sempre à história do protestantismo do século XIX e acompanhar o desenrolar do seu pensamento nas suas várias etapas a fim de refrescar o conceito de fundamentalismo para que se possa usá-lo de maneira adequada.

O núcleo do pensamento fundamentalista é retorno e purificação. Volta às origens e

eliminação dos desvios. Neste sentido, todas as revoluções religiosas e os movimentos sectários são fundamentalistas porque pretendem recuperar, na sua pureza, as verdades fundamentais esquecidas. É por isso que o fundamentalismo protestante tem como lema "a fé uma vez dada aos santos" (Judas 3). O protestantismo, ao

O núcleo do pensamento fundamentalista é retorno e purificação. Volta às origens e eliminação dos desvios. Neste sentido, todas as revoluções religiosas e os movimentos sectários são fundamentalistas

longo de sua história de quase quinhentos anos, teve de enfrentar vários inimigos como o iluminismo, o liberalismo, a ciência moderna e o modernismo de modo geral. Só que o protestantismo sempre reagiu a esses movimentos de maneira diferente da Igreja Católica: quando esta se opunha, embora com perdas, de maneira frontal aos "inimigos da fé", o protestantismo se acomodava, se ajustava e, às vezes, se comprometia com os novos rumos do mundo moderno. Não se pode negar que a monumental teologia protestante do século XIX se deve a esse constante diálogo com a modernidade. Mas, exatamente por causa desse compromisso com a modernidade foi que as alas conservadores do protestantismo o acusaram da heresia do modernismo quase cem anos após a publicação do *Syllabus* por Pio

IX (1864). Em 1948, em Amsterdã, as forças fundamentalistas mundiais fundaram o Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, cuja constituição, em seu Preâmbulo, acusa as igrejas cristãs, no seu todo, seja denominações ou igrejas locais, de estarem comprometidas com a apostasia do modernismo e de se terem afastado das grandes doutrinas da Reforma.

No ano seguinte ao da fundação do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs, Carl McIntire, principal líder do movimento, publicou um livro intitulado *Modern Tower of Babel* (1949), em que acoima o Conselho Mundial de Igrejas de ser o centro do modernismo e de ter se tornado apóstata como a Igreja Católica na época da Reforma. Aliás, é o que ele diz com todas as letras no livro publicado em 1955 (*Servants of apostasy*), em que compara o movimento ecumênico com a Grande Babilônia (Apocalipse 18.2). Em *Modern tower of Babel*, McIntire afirma que havia "fortes semelhanças entre as condições atuais e as do século XVI, quando Lutero elevou sua voz contra a apostasia da Igreja Romana" (p.268). Continua McIntire: "Temos uma apostasia protestante do século XX. A Bíblia foi sobrecarregada de instituições humanas. Ela foi reduzida a pedaços pela crítica humana. Em ambos os casos, a autoridade da Bíblia foi destruída" (idem). Nesse mesmo texto McIntire chega a dizer que os fundamentalistas estão mais próximos da Igreja Católica do que do Conselho Mundial de Igrejas porque "os católicos acreditam no nascimento virginal de Cristo e, portanto, na Bíblia. Os modernistas não. Mesmo que a Reforma nos se-

pare do catolicismo romano, ainda assim estamos mais próximos dele do que do Conselho Mundial de Igrejas. Isto só para enfatizar a extensão da apostasia do protestantismo" (idem, p.268).

Fundamentalismo versus cultura ameaçada. Essa descrição corresponde à segunda fase do fundamentalismo, quando ele se organiza mundialmente por meio do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs e, ao eleger o Conselho Mundial de Igrejas como principal inimigo, transforma-o em paradigma de todos os adversários de uma cultura ameaçada pelo "autoritarismo" (a reação da cultura norte-americana à Igreja Católica foi historicamente mais política do que religiosa. O monarquismo católico constituía ameaça à democracia) católico romano, pelo comunismo e pela contracultura. Essa fase se caracteriza pela defesa da cultura norte-americana. Os braços do fundamentalismo se estendem, então, pelo mundo e por todos os meios possíveis. Tratava-se de garantir a hegemonia de uma cultura sobre o resto do mundo.

Foi dito que o fundamentalismo tem como núcleo o retorno e purificação e, por isso, na fase acima descrita, o fundamentalismo protestante quer purificar-se eliminando seus inimigos a pretexto de retornar à pureza da Reforma do século XVI. Mas, uma análise um pouco mais profunda do fundamentalismo pode nos conduzir a um princípio que pode estar por debaixo de todos os movimentos de idéias que partem do conceito e divisão radical entre bem e mal, bons e maus. É o ponto de partida de todas as classificações: afirmação/ne-

gação. Ficando só na história do pensamento cristão, basta citar dois exemplos importantes dessa concepção dualista da humanidade. Santo Agostinho, na sua visão panorâmica da história humana, concebeu duas facções da humanidade inspiradas em atitudes mentais e morais divergentes constituindo, na sua metáfora, o Estado de Deus e o Estado terreno. Este é temporal e quase sempre demoníaco; aquele, transcendental e divino. Os homens se distribuem por esses dois reinos. João Calvino seguiu na mesma linha ao dividir a humanidade em eleitos e não-eleitos. Mais tarde, calvinistas como Coceius (1603-1669) e Francisco Turretino (1623-1687) defenderam a idéia de que Deus fizera um pacto com Adão pelo qual toda a sua posteridade teria vida eterna ou corrupção conforme sua obediência ou desobediência ao referido pacto. Em meados do século XVII, teólogos puritanos reunidos na Abadia de Westminster, em Londres, produziram a Confissão de Fé de Westminster, cujo eixo teológico é a Teologia do Pacto, que veio a ser o documento teológico por excelência do presbiterianismo mundial.

A Teologia do Pacto trazia em si a concepção muito forte de Povo Escolhido através de sucessivos pactos entre Deus e determinados grupos humanos para a consecução do desígnio divino de estabelecer seu reino entre os homens. Algumas nações chegaram a crer terem sido escolhidas para executar esse plano divino, entre elas os Estados Unidos, segundo seus próprios historiadores. De passagem, é bom lembrar que Portugal, no período histórico de sua expansão mundial, embora

noutro contexto religioso, também proclamou sua visão de instrumento divino para estender o reino de Deus — o "Reino de Deus por Portugal".

Durante a Guerra Fria e a divisão ideológica do mundo em capitalismo e socialismo, as vítimas da violência foram os povos mais fracos que, colocados sob a dependência de uma ou outra facção, não tinham como se defender das "verdades" que lhes eram impingidas pelas mais variadas formas. Pouco antes da queda do socialismo político, a nação mais poderosa do mundo preparou-se para o Armagedon, batalha final entre os dois reinos do mundo, o de Deus e o do demônio, quando o Bem venceria o Mal definitivamente. Os pregadores eletrônicos constituíram a voz profética da iminência desse momento decisivo da história. Como profetas bíblicos, conclamaram seu povo a voltar às tradições ameaçadas pelo modernismo à salvação da própria cultura, mas usando os recursos eletrônicos de comunicação de massa, estenderam também sua mensagem ao mundo buscando alianças para a cruzada do Bem contra o Mal.

Essa divisão ideológica do mundo, que por suas origens historicamente recuadas, constitui a primeira fase do fundamentalismo, ultrapassa a segunda fase e com ela se confunde na medida em que, por meio da mensagem religiosa de matriz protestante, aponta de modo muito nítido para projetos políticos da liderança do mundo ocidental. Este fato é recente na história. Essas duas fases ou facetas do fundamentalismo têm como características comuns uma pesada ideologia política de âmbito uni-

versal sempre muito bem apoiada em sistemas teológicos. o Movimento de Carl McIntire foi uma reação com intenções mundiais contra a ameaça de deslocamento do poder religioso-político, também mundial, para a Europa, cujos interesses poderiam dirigir o movimento ecumênico para direções não desejadas pelas forças conservadoras norte-americanas.

Entretanto, entre essas duas fases que, de fato, se confundem entre si, diferenciando-se somente pela fonte ideológico-política, há um núcleo religioso que tem de ser entendido sob pena de permanecer obscuro o conceito de fundamentalismo, fenômeno religioso moderno de cunho protestante norte-americano e, se quisermos tornar mais precisa ainda a sua origem, de inspiração calvinista e presbiteriana, pois foi no seio dessa tradição que ele surgiu e se expandiu.

O fundamentalismo, como fenômeno religioso, pertence à história da religião norte-americana e à cultura religiosa que se construiu na América do Norte a partir da colonização puritana oriunda da Inglaterra: de modo mais preciso, do puritanismo calvinista muito forte no centro geográfico inicial da colonização e reforçado pelas imigrações posteriores de presbiterianos irlandeses e escoceses. O fundamentalismo do calvinismo ortodoxo, como movimento de retorno e purificação, foi uma reação planejada e vigorosa contra alguns inimigos da ortodoxia que, a partir de fins do século XVII, foram ameaçando de vários modos a cultura religiosa que se formara no período colonial. Esses inimigos foram três: as novas tendências teológicas do

movimento de despertar religioso que se prolongou de meados do século XVIII até meados do século XIX, a ciência moderna e o liberalismo teológico. Essa divisão tem intenção meramente didática porque, de fato, os três são faces de um mesmo monstro que levou o nome de modernismo e que assustou tanto protestantes como católicos. Estes, como sempre, reagiram em nome da tradição e por meio de encíclicas, entre elas o *Syllabus* (1864) e a encíclica *Barromeo* (1910), ambas condenando especificamente o modernismo. Os protestantes, em nome da Reforma, reagiram em defesa da Bíblia.

A reação protestante, embora possa ser entendida sob a dupla face da defesa da Bíblia e da reta doutrina, tem suas raízes no "movimento evangélico" surgido na Inglaterra em meados do século XVIII como reação ao relaxamento do clero anglicano e aos avanços do movimento de retorno à "Santa Igreja Católica" representado pelo movimento tratariano de Oxford. Mas, tanto anglicanos como evangélicos, logo tiveram pela frente um movimento muito forte e de características teológicas liberais liderado por teólogos importantes como, por exemplo, Frederick D. Maurice (1805-1872). Esse movimento chamado de "socialismo cristão", afinado com o pensamento de Robert Owen (1771-1858), embora sem muita força, percorre os subterrâneos do protestantismo até os nossos dias. É curioso que esse movimento, insurgindo-se contra a idéia de que as leis comerciais eram intocáveis porque, como leis naturais, eram divinas, pareciam prenunciar a atual reação contra as leis do mercado.

O "movimento evangélico" já trazia em si duas características do futuro movimento fundamentalista: a não-institucionalização, porque se constituía de indivíduos que, em qualquer denominação cristã e sem sair dela, aceitassem seus princípios teológicos fundamentais. Tratava-se, portanto, de um movimento de retorno e purificação que, como ondas, abafaria os desvios da verdadeira fé e garantiria a presença da Igreja verdadeira em meio às heresias que desfiguravam a Igreja. Não é o caso de se enumerar aqui a lista dos princípios de fé do "evangelicalismo", mas é suficiente mencionar os mais constantes no futuro fundamentalismo: a autoridade, suficiência e inspiração da Bíblia, e a bem-aventurança eterna dos justos e a punição eterna dos ímpios.

Em 1812, foi criado, pela Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, o Seminário Teológico de Princeton, de cujo plano constava a preservação da fé consignada na Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, e a especialização no conhecimento positivo da Escritura, a fim de defendê-la da crítica moderna e dos assaltos da "controvérsia deísta". O Seminário de Princeton manteve-se fiel aos seus planos iniciais por quase um século pelo menos. Seus teólogos, todos defensores da ortodoxia presbiteriana, estenderam sua influência conservadora por todo o cenário protestante norte-americano durante o século XIX. No fim desse século e nas primeiras décadas do atual, a ortodoxia protestante assumiu formas que constituíram e definiram o fundamentalismo em suas linhas atuais. A genialidade de

C. I. Scofield (1843-1921) produziu sintomia entre a Teologia do Pacto, presente na Confissão de Fé de Westminster (cap. VII) e a totalidade da Bíblia, dividindo-a em sete dispensações ou pactos. A Bíblia de Scofield, publicada em 1909, juntamente com *The Fundamentals (Coisas Fundamentais)*, publicados entre 1909 e 1915, ao todo doze livretos, constituem o marco central ideológico do fundamentalismo protestante. Sua institucionalização, como já vimos, ocorreu em 1948, em Amsterdã, com a constituição do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs.

A Bíblia de Scofield, base do fundamentalismo radical, ao traçar a história humana como sucessão de fracassos na relação do homem com Deus, volta à antiga concepção de duas histórias, uma das ações redentoras de Deus e outra da desobediência humana. Uma ordem divina e uma desordem humana, cujo desenvolvimento linear desemboca apocalipticamente na bem-aventurança eterna dos justos e na condenação também eterna dos ímpios.

Fundamentalismo e violência. Agora, um balanço final destas breves considerações sobre um movimento tão amplo e importante por causa de seus extensos desdobramentos para além dos limites exclusivamente religiosos. Em primeiro lugar, o fundamentalismo contém uma teologia da história que se constitui em rigoroso dualismo entre a ordem de Deus e a desordem humana em constante conflito, caminhando ambas linearmente

para um desfecho apocalíptico em que a história chegará ao fim com a premiação dos bons e a punição dos maus. Essa visão dualista, mas abstrata, instrumentaliza a concretização, entretanto, de uma divisão política do mundo também em duas partes antagônicas como aconteceu entre capitalismo e socialismo, na Guerra Fria e no conflito Ocidente/Oriente. Isso acontece, como de fato aconteceu, quando uma grande potên-

O fundamentalismo contém uma teologia da história que se constitui em rigoroso dualismo entre a ordem de Deus e a desordem humana em constante conflito, caminhando ambas linearmente para um desfecho apocalíptico

cia capaz de mobilizar parte do mundo, assume culturalmente a ideologia fundamentalista.

Ao macrofundamentalismo de caráter cultural e político corresponde um microfundamentalismo institucional e individual. É muito raro que uma instituição assuma identidade fundamentalista, pode, porém, no jogo de poder, cair nas mãos de indivíduo ou grupo de indivíduos imbuídos de idéias fundamentalistas de retorno e purificação que tudo farão para alijar os que preferem outras idéias. Foram exemplos disto, em passado recente, igrejas que, em nome da reta doutrina (Rubem Alves, *Protestantismo*

e repressão, 1979), moveram perseguições internas, com prejuízos individuais em relação à instituição, e chegaram mesmo a oferecer seus membros à repressão política como se fossem inimigos do Estado.

A institucionalização do fundamentalismo, além da formal declaração da "plenária inspiração das Escrituras nas línguas originais, suas conseqüentes inerrância e infalibilidade" (Artigo II,a, da Constituição do Concílio Internacional de Igrejas Cristãs), traz outra afirmação muito importante para se compreender melhor a razão da violência institucional promovida pelo fundamentalismo no interior das igrejas. A alínea K do mesmo Artigo da Constituição diz que é "necessária a manutenção, de acordo com a Palavra de Deus, da pureza da Igreja na vida e na doutrina". Assim, a apropriação do conceito de pureza (verdade) por parte de um grupo, tendo como base a leitura literal de um texto inerrante e a correspondente doutrina tida como correta, tem sido instrumento de divisão e de perseguição no interior das instituições religiosas. O fundamentalismo, a propósito da doutrina da inerrância, criou mais uma divisão no seio das igrejas: de um lado, "os que amam a Bíblia" (os que aceitam a inspiração plenária) e "os que não amam a Bíblia" (os liberais, modernistas e todos os que aceitam o método crítico).

Antonio G. Mendonça, presbiteriano, é chefe do Departamento de Ciências da Religião do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação do IMS (São Bernardo do Campo/SP).

TENTANDO ENTENDER O CONSERVADORISMO CATÓLICO

Pedro Ribeiro de Oliveira

Após um período marcado por grandes mudanças internas, a Igreja Católica Romana foi acometida por um surto paralisante. O processo de *restauração* desencadeado com o pontificado de João Paulo II tem abafado todo sopro vital na Igreja. As autoridades eclesásticas — do papa ao vigário-coadjutor — encontram-se em atitude defensiva diante do mundo e das demandas de efetiva participação de religiosas, leigos e leigas nos assuntos internos da Igreja. É bem verdade que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e pastorais populares ainda se amparam em amplos setores do episcopado e do clero; mas é também verdade que a Igreja que foi uma *força histórica dos pobres* na sociedade, está perdendo seu dinamismo. Aos poucos, vai-se tomando uma instituição que só é levada a sério por seus próprios dirigentes, querendo provar a todo custo que sempre teve, tem e terá razão.

Esse movimento conservador não ocorre unicamente no campo católico romano. Também no Protestantismo, no Islamismo e no Judaísmo há movimentos similares, cujos adeptos abrem mão de valiosas conquistas da modernidade, como a razão, a crítica, a liberdade individual e a democracia, para aceitarem a doutrina de uma autoridade que lhes dê segurança diante de um mundo em crise. Embora guardem as especificidades de cada tradição religiosa, cria-se neles uma corrente fortemente cen-

tralizadora, autoritária, dona da verdade, que se impõe esmagando os dissidentes como se fossem inimigos. Este é um fenômeno recente nas grandes religiões mundiais, e sua explicação constitui hoje um desafio para os cientistas sociais. Dada a complexidade e a novidade do tema, não podemos ter a pretensão de elucidá-lo aqui, mas, partindo da análise do atual conservadorismo católico, podemos esboçar um quadro da crise das grandes religiões no mundo pós-industrial.

Primeiramente, convém explicitar os conceitos que guiam a análise. Há quem veja nesses movimentos novas versões do antigo "fundamentalismo" norte-americano. Seguindo, porém, as conclusões de Ivo P. Oro, em seu recente estudo sobre o tema (*O outro é o demônio — considerações sociológicas acerca do conceito de fundamentalismo*), prefiro reservar o conceito de fundamentalismo para aquele fenômeno particular, nascido nos anos 1910-15 como reação contra a teologia que então ganhava terreno nas denominações protestantes ao articular a fé cristã com a ciência e os valores modernos, e falar de "neofundamentalismo", para designar os movimentos similares que hoje ocorrem em diferentes comunidades religiosas, também em reação contra o diálogo com a modernidade. Mas como neste artigo refiro-me unicamente ao Catolicismo Romano, usarei apenas a categoria geral de conservadoris-

mo. Fazendo uma breve análise de sua nova forma, que não é uma simples repetição do passado mas uma criação recente para fazer face a uma situação mundial original, quero aqui abrir pistas para sua explicação sociológica.

A CRISE RELIGIOSA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A gênese do atual conservadorismo católico situa-se nos embates preparatórios do Concílio Vaticano II. Com grande perspicácia, J. O. Beozzo (*Indícios de uma reação conservadora*) analisa-lhe o desenvolvimento a partir de um grupo de bispos firmemente in-crustrado na Cúria romana, embora minoritário no conjunto do colégio episcopal, e que constituiu o núcleo da reação contra as teses renovadoras quase sempre vitoriosas em plenário. Ao longo do pontificado de Paulo VI, aquele grupo foi ganhando terreno e terminou conquistando o controle do aparelho eclesástico, quando um de seus membros, o arcebispo Wojtyła, foi eleito papa. Sua forte personalidade, sua capacidade em lidar com as massas e sua experiência polonesa de resistência religiosa contra a modernidade imposta pelo soviétismo, fizeram dele uma figura de proa do Ocidente, conferindo renovada credibilidade ao conservadorismo católico.

O sucesso desse movimento que se auto-intitulou de "restauração católica" pede uma explicação. Se a maioria do

episcopado católico deu a vitória às teses renovadoras no Concílio, por que nos anos de 1970 se teria deixado derrotar na prática eclesial? Por que o episcopado católico, tão valente na defesa dos direitos humanos fora da Igreja, tornou-se pusilânime ao sofrer intervenções da Cúria romana? Por que, tendo condenado o movimento integrista em torno à figura do bispo Lefèbvre, permitiu que seu conteúdo fosse sutilmente reincorporado à pastoral romana sob a forma de reforço da identidade católica? Para explicar essa volta a um catolicismo anterior ao Concílio Vaticano II, é preciso levar em consideração a crise enfrentada pelas instituições religiosas nos últimos vinte anos.

O contexto dessa crise é o avanço recente do sistema mundial de mercado e a "pós-modernidade", que é sua expressão cultural (ver texto *Mundialização, exclusão e conciliação: desafios da conjuntura*). Essa realidade nos obriga a revisitar a Teoria da Secularização, que marcou a Sociologia nos anos de 1950/60. Ela é atravessada pela afirmação da racionalidade que expulsa da esfera pública os elementos religiosos que lhe serviam de fundamento. De fato, as bolsas de valores e de mercadorias, o mercado financeiro, as empresas, enfim, as instituições que efetivamente regem a vida social parecem fora do alcance das religiões. O que têm os santos a ver com o preço do café na Bolsa de Londres? ou os gnomos com a taxa de juros? ou os orixás com o déficit do Tesouro dos EUA? Apesar de ali estarem em jogo relações sociais que condicionam o emprego e as condições de vida, saúde e bem-estar de

milhões de seres humanos, aquele é um campo fora do alcance dos seres sagrados que por milênios pareciam deter o poder de dar a felicidade a quem a eles piedosamente recorresse. Nem mesmo o Deus da tradição judaico-cristã consegue cumprir sua promessa de vida longa e feliz sobre a face da terra. Vida longa e feliz encontra quem age racionalmente sobre a natureza e sobre as relações humanas, pois o progresso, o desenvolvimento das forças produtivas, a liberdade, a democracia, as riquezas, a saúde e tudo mais que o mundo pode oferecer alcançam-se pelo esforço humano, sem necessidade de submissão às injunções religiosas.

Assim, as antigas religiões foram praticamente confinadas à esfera privada. Elas se atêm aos relacionamentos interpessoais, à vida sexual e afetiva, aos cuidados corporais, ao equilíbrio psicológico, enfim, a todo aquele setor da vida cotidiana cujo cenário é o espaço doméstico. Nele, sim, energias positivas e negativas, fadas e gnomos, espíritos bons e maus, anjos e demônios, e tantos elementos do nosso imaginário simbólico têm plena vigência ajudando a construir o sentido da nossa biografia. As religiões não desapareceram na sociedade de mercado: apenas deixaram que a razão moderna ocupasse a rua e voltaram para a casa onde sempre estiveram à vontade.

Agora confinadas ao mundo privado, cabe às antigas religiões pouco mais do que a construção do sentido das biografias, e nisso elas se deparam com um quadro novo, no qual são levadas a competir com novas formas de expressão e manipulação do sagrado. Aí estão

Para o establishment eclesial, mais do que o adversário externo ou o concorrente, o inimigo é o dissidente, aquele que é capaz de recriar outras tradições dentro da mesma comunidade e assim abalar os fundamentos da tradição oficial

os movimentos carismáticos, os antigos e novos sincretismos (por exemplo, com tradições orientais, ameríndias, cabalísticas), a "Nova Era", e tantos outros movimentos pseudo-religiosos (auto-ajuda, terapias, magia), cada qual a seu modo oferecendo a quem vive imerso na concorrência de todos contra todos pelo sucesso no mercado esquemas de pensamento e de comportamento ritual que lhes propiciem paz interior. Antigas e novas correntes religiosas estão oferecendo tranquilidade de consciência e conforto espiritual, tendo em vista transformar existências conturbadas em biografias serenas. E nesse processo de adaptação às novas demandas religiosas geradas pela tensão existencial do jogo do mercado, são as religiões tradicionais as mais afetadas, pois seus postulados, enrijecidos pelo tempo, frequentemente tornam-se obstáculos ao atendimento dos desejos dos fiéis em potencial. Este é, o caso do Catolicismo.

Religião que sempre pretendeu interpretar o projeto de Deus para a humanidade, o Catolicismo vive hoje uma grave crise de natureza política: O que tem a dizer à sociedade moderna fundada sobre o mer-

cado mundializado? que boa notícia tem a anunciar?

De tudo o que foi plantado no pontificado de João XXIII, o fruto mais importante para o diálogo com o mundo moderno talvez tenha sido a Teologia da Libertação. Projeto que deixou para trás o antigo modelo de Cristandade e progressivamente abriu-se para uma perspectiva macroecumênica e ecológica, foi entretanto desacreditado pelo *establishment* eclesiástico e hoje só encontra acolhida favorável nas periferias do sistema. Herança profética de homens e mulheres que renunciavam ao sonho do consumo supérfluo, a Teologia da Libertação denuncia o caráter predatório e desumanizante de um mercado entregue às suas próprias leis, ao mesmo tempo em que anuncia e celebra a utopia de uma humanidade capaz de submeter o mercado à sociedade democraticamente organizada.

O CONSERVADORISMO COMO REINVENÇÃO DA IDENTIDADE

Não querendo assumir o ônus da crítica profética ao mundo dominado pelo mercado, e tampouco aceitando submeter-se à desconfortável situação de ser apenas um entre os vários sistemas religiosos disponíveis nas prateleiras de bens simbólicos, o *establishment* católico vive a crise de credibilidade de sua mensagem. O projeto da "nova evangelização" não traz nada de realmente novo, exceto uma maior dose de voluntarismo de seus agentes. Não sendo capaz de inovar na mensagem, faz hoje um redobrado esforço de reafirmação de sua identidade, na expectativa de que ela venha a colocar o Catolicismo em plano superior aos sistemas religiosos e pseudo-

religiosos que com ele concorrem. É nesse esforço de adaptação que procuro explicar o atual impulso do conservadorismo católico.

Seu elemento central é a busca de uma identidade que não pode ser perdida. A figura do papa desempenha papel importantíssimo nesse processo, deixando em segundo plano tudo o que possa colocar em xeque a afirmação da única identidade católica (por exemplo, pluralismo, ecumenismo, colegialidade episcopal, ministérios leigos, em suma, os valores e institutos decorrentes da afirmação da Igreja como povo de Deus). Universaliza-se, então, a identidade romana como única identidade católica, num processo que parece recuperar Pio IX e o Concílio Vaticano I. O Catecismo Universal e o novo Código de Direito Canônico, barrando o esforço de inculturação católica entre os povos da periferia, são um bom exemplo dessa identidade que só pode fundar-se sobre o universalismo monolítico romano. Meio importante para assegurar essa identidade é afirmar sua perenidade, como se o Catolicismo sempre tivesse sido o mesmo, sem conhecer mudanças ao longo da própria história. O revigoramento de símbolos em uso antes do Concílio Vaticano II, (por exemplo, as vestes clericais e religiosas), a reafirmação das normas eclesiásticas como imutáveis (por exemplo, impedimento do sacerdócio a mulheres e pessoas casadas) e a revalorização de certas práticas religiosas (reza do terço, devoções marianas, peregrinações), bem como os obstáculos a qualquer inovação litúrgica, são parte desse amplo processo que pretende conferir o caráter

de perenidade imutável ao catolicismo de formato romano.

Trata-se, portanto, de um conservadorismo que não é uma simples repetição do passado, mas uma resposta do *establishment* eclesiástico às novas condições da religião no sistema mundial de mercado. Ele afirma uma identidade capaz de distinguir a Igreja Católica dos outros sistemas religiosos concorrentes, fundando-a sobre uma tradição que não possa ser questionada. Na realidade, essa tradição, como toda tradição, é uma recriação. Isto é, a autoridade eclesiástica atua como um filtro que faz a triagem da verdadeira e da falsa tradição, ou seja, os elementos que lhe convém manter e os que prefere esquecer. Ao fazê-lo, está reinventando uma tradição que deverá ser imediatamente universalizada e perenizada, de modo a ocultar-se seu caráter recriado.

Este caráter precário da tradição reinventada, que precisa ser escamoteado para que ela possa ser vista como verdadeira e única tradição, explica o autoritarismo que acompanha o conservadorismo. Para o *establishment* eclesiástico, mais do que o adversário externo ou o concorrente, o inimigo é o dissidente, aquele que é capaz de recriar outras tradições dentro da mesma comunidade e assim abalar os fundamentos da tradição oficial. Aí reside, a meu ver, o cerne do embate entre as forças conservadoras hoje hegemônicas na Igreja Católica Romana e seus incômodos setores proféticos que, em nome de uma tradição alternativa, reclamam igual catolicidade.

Pedro Ribeiro de Oliveira é professor no mestrado de Ciência da Religião da UFJF e integrante da equipe de assessoria do ISER.

VIOLÊNCIAS

Milton Schwantes

Vocês me pediram tratar o tema da violência na Bíblia. Um assunto bem vasto é este. Mas, antes de dizer algo sobre o tema como tal, permitam-me descrever a chegada a ele.

A chegada é uma arte própria. Cada visita a uma pessoa tende a ser uma surpresa. Afinal, cada novo encontro traz novidades, graças a Deus. Cada passo, uma nova experiência. E o jeito da chegada pode marcar os assuntos da visita.

Por isso, permitam-me algumas notas iniciais, coisas da chegada.

UM LIVRO A CAMINHO

É verdade, isso que vou dizer aqui na entrada bem que pode assustar uns e outros. Mesmo assim, preciso dizê-lo, pois sem essas coisas até me seria difícil tratar do assunto.

Quero dizer que este livro, esta Bíblia, é um sinal no caminho, é uma placa na estrada.

Ela reúne experiências a caminho. Em Levítico a gente lê "vós sois para mim estrangeiros e peregrinos" (25.23). Em Pedro (Primeira Carta) as comunidades são chamadas de peregrinas; as pessoas das comunidades são "forasteiras da dispersão" (1.2).

Ora, a própria Bíblia é qual "forasteiro", está a caminho. Ao menos assim leio este maravilhoso livro. É assim que ele vai soltando palavras de liberdade para mim.

Se ele fosse a própria chegada, então a gente estaria no perigo de querer transformá-lo a ele mesmo em algo absoluto, sagrado, como se fosse à seme-

lhança de Deus. Não entendo nossa querida Bíblia deste jeito. Ela não me é algo semelhante a Deus, algo como uma imagem. É sinal no caminho, importante para caminhar rumo ao ponto de chegada.

É algo como companhia no caminho. De tão maravilhosa que é sua luz, de tão fortes que são suas chamas, não convém fixar-se em sua luminosidade, porque luz de chama atrapalha a vista. Luz e chamas são antes para iluminar nossos passos, para favorecer nossos caminhos, para alumiar os pés.

A Bíblia está a caminho. Por isso, as comunidades do Messias Jesus, desde seus começos, adotaram a Bíblia Hebraica, o Antigo Testamento. Assim mostraram que estavam a caminho. E não encerraram o Novo Testamento só com os evangelhos e as cartas paulinas. Não, foram incorporando também outros documentos, cartas e livros que expressavam de diversas maneiras a fé. Além de Paulo, acolheram a Tiago, para marcar as diferenças. Tudo isso mostra que estes textos bíblicos são letras no caminho. São mais espírito que letra.

Com o assunto da violência, essa nossa Bíblia está a caminho. Não encerrou o assunto lá em suas primeiras páginas do Gênesis, quando nos é contado que Caim matou Abel. Nem mesmo fecha o assunto nas últimas páginas quando com sangue e violências nos são pintados quadros apocalípticos, no Apocalipse de João.

O assunto da violência está a caminho, na Bíblia inteira.

NEM SIM, NEM NÃO!

Por isso, já de começo, já na entrada da visita, desisto de querer defender irrestritamente os montões de violências expressas pela Bíblia, página a página. Desisto de querer torná-la, no mais, um manual de não-violência. Seria querer transformá-la em algo que ela não é. Mas, também desisto de querer difamá-la, simplesmente, como se fosse sedenta de sangue. Alguém poderia querer jogá-la fora, após ler o livro de Josué.

Na Bíblia temos histórias que, nos caminhos da vida, buscam brechas para barrar a violência

Não digo simplesmente que bíblico seria o que trata de paz e *shalom*. Isso também se lê, sem dúvida. Que lindas são todas as experiências e frases de paz, sem fim. Disso a Bíblia está cheia. Flores de paz temos em Cantares. Flores de paz temos em Jesus que apontava para os lírios do campo (Mateus 6.28).

Não digo simplesmente que tipicamente bíblico seria o que trata de sangue e de vingança, ou, quiçá, que típico do Antigo Testamento seria a violência, enquanto no Novo Testamento prevaleceria a doçura da paz. Engana-se quem assim quer simplificar as coisas. Quem acha que o Novo Testamento fala só dessa doçura da paz, deve ainda não ter lido seu Novo Testamento, com seus



Gustave Doré

Jesus diz não à violência 'delicada' dos discípulos que impediam as crianças de se aproximarem deles

“ais”, ou seus “arreda Sata-nás”.

Simplificações que só conhecem “sim” ou “não” tranquilamente podemos deixar para quem deseja deformar consciências com programas do tipo: *Ligue e diga “sim”*; ou: *Ligue e diga “não”*. Isso pode até dar prêmios, mas para a leitura da Bíblia no assunto da violência é violência.

Bíblia é, pois, livro de caminho. Andando é que se vêem paisagens, aliás sempre novas.

CENAS A CAMINHO

Sugiro, pois, que olhemos para algumas cenas a caminho, al-

gumas paisagens na dobra da estrada.

A história de Caim e Abel não por acaso está nas primeiras páginas da Bíblia (Gênesis 4). Esta história é uma espécie de chave para abrir a casa da Bíblia. É guia de leitura.

Abel é nome-símbolo. Significa, a rigor, “nada”, vento vazio. Nome mesmo é o de Caim. O nome do irmão, Abel, atribui a este falta de significado.

Este Abel=Nada, sendo morto, não traria “prejuízo” maior. Afinal, sendo Nada, já nascera para sumir. Quem lhe dá sumiço, estaria, por assim dizer, “colaborando”.

Contudo, Deus escuta o so-

frimento justamente desse Abel=Nada. Defende-o. A história de Deus conosco é, portanto, a defesa da vida ameaçada, daquilo e daqueles que parecem ser Abel=Nada, mas que em Deus são tudo, mercedores de defesa.

E Caim? A gente poderia ler a história enaltecendo Abel e o Deus que não o deixa cair em esquecimento. E poderia levar ao esquecimento o brutão do Caim. A lógica aí seria: Vida a Abel, morte a Caim! Só que esta logicazinha não traria nenhuma novidade. Só inverteria algum detalhe.

Caim é condenado, naquela história de Gênesis 4. E essa condenação implica vir a ser como Abel, nada e desprotegido. Caim vira Abel.

Mas, justamente aí está protegido. Ao Caim, condenado a ser como Abel, não se pode perseguir nem matar. Leva o sinal da proteção de Deus. Caim é um protegido de Deus!

Neste sentido, Gênesis 4 não joga um contra o outro, não defende Abel e sentencia Caim. Protege a um e a outro. Barra a violência.

Nesta perspectiva haverá que se ler a Bíblia como livro a caminho. Nele temos histórias que, nos caminhos da vida, buscam brechas para barrar a violência. Algumas histórias conseguem fazê-lo de jeito melhor, outras nem tanto. A todas haveria que se ler à luz de Abel e de Caim.

É verdade, quando você lê o livro de Josué e o de Juízes a impressão pode ser a de que a violência não tem fim. Há verdadeiras chacinas.

Elas ainda ficam mais impressionantes, quando a gente se dá conta de que na conquista das Américas justamente esses livros de Josué e de Juízes, nas

mãos de guerreiros cristãos, desempenharam um terrível papel. Foram usados para justificar o extermínio de povos indígenas.

Tenho ouvido duas maneiras de lidar com a desmesurada violência desses dois livros bíblicos. Uns dizem: Estes dois livros referem-se somente à morte dos reis e das elites cananéias. E há bons argumentos para esta tese: Afinal, no hebraico o termo "habitantes" pode ser traduzido por "governantes" (ver Juízes 1.27). E, de fato, os massacres mencionam preferencialmente os "reis" (ver Josué 12). Neste sentido, os livros de Josué e de Juízes não estariam 'comemorando' a morte da população cananéia, mas narrando uma guerra contra os opressores e reis. Há probabilidade histórica para esta tese.

Outros dizem: Sim, aí há muita violência. Mas essa violência é contada nesses livros de Josué e de Juízes justamente para ser superada! Falando da violência, esses livros estariam querendo barrá-la. Também essa é uma boa hipótese. Afinal, sublimação de terror e agressão pode não ajudar a humanização. Pelo contrário, pode atrapalhá-la. Seria, pois, uma das vantagens de nossa Bíblia hebraica a de evocar a violência, a de narrá-la em cores e detalhes. Justamente por isso, a Bíblia hebraica teria ajudado tanto a uma profunda humanização da cultura. Falando dos porões é que se soa terra entulho.

Há, pois, maneiras diferentes de ver a violência descrita em Josué e Juízes. Pessoalmente, prefiro reconhecer os limites da própria linguagem

bíblica. Prefiro reconhecer que também nossa Bíblia é uma linguagem a caminho, emitindo sons que nem sempre são os melhores. Pois, querer absolutizar a Escritura, justamente em suas narrações do tipo das de Josué e de Juízes, tende a eternizar, pelo caminho da religião, os descaminhos da violência.

Por fim, uma cena a mais. Uma que me parece chegar bem ao fundo da tragédia da

O movimento de Jesus não adere à opressão romana, mas vai por estrada própria, marcada pela desistência de usar a violência em prol de uma 'causa boa', a do Reino de Deus

violência. Penso em uma cena dos discípulos de Jesus.

Por certo, o grupo dos discípulos representa uma dessas sementes que promovem a paz, que desconstroem violência. Os evangelhos mostram passo a passo como os discípulos e discipulas do Mestre de Nazaré experimentam um mundo novo, um mundo do *shalom*. No evangelho de Marcos esse mundo da paz poderá estar sendo expresso pelos "anjos que serviam" a Jesus em pleno deserto (1.13). Jesus é um desses que "servem" os seus para que experimentem o reino, este mundo de paz.

Isso é algo muito especial no movimento de Jesus. Em meio ao cenário de imperialismo e às guerrilhas judaicas anti-romanas, o movimento de

Jesus escolhe uma trilha própria. Não adere à opressão romana nem a adota como horizonte de esperança. Mas também não se alia aos guerrilheiros para ir à guerra anti-romana. A gente de Jesus vai por estrada própria, marcada pela desistência de usar a violência em prol de uma 'causa boa', a do Reino de Deus.

Neste contexto a cena de Marcos 10.13-16 me parece muito típica. Aí estão os discípulos de Jesus rodeando o Mestre e impedindo que as crianças se achem a ele.

Aqueles que parecem estar nos caminhos do Novo relegam a um segundo plano, à exclusão, os pequeninos. Violência!

Essa violência embutida no dia a dia é revelada por Jesus: "Deixai vir a mim os pequeninos". Desses pequeninos é o Reino de Deus.

Aí se processa uma profunda novidade. Num cenário como que corriqueiro aparece o que é violência: A exclusão das crianças!

E elas teriam sido marginalizadas violentamente pelos discípulos? Não, de forma nenhuma. Foram repreendidas 'delicadamente'!

A Bíblia revela também essa violência 'delicada' que nem parece ser tão violenta, porque já foi feita cotidiana e, por isso, é tão profundamente violenta.

Há muitas outras cenas sobre o assunto da violência. Cada cena — um sinal. Siga pelo caminho. Marquei algumas cenas. Marque outras!

Milton Schwantes é biblista, teólogo luterano e integrante de KOINONIA.

SÉCULO TERRÍVEL

Newton Carlos

Um ex-secretário de Estado americano, o *scholar* Zbigniew Brzezinski, calcula que desde 1914 foram mortos 197 milhões de seres humanos em guerras entre países e civis, além de expurgos, como o stalinista, terrorismos e massacres. "O mais violento século da história", segundo William Golding, Prêmio Nobel inglês, ou "o mais terrível", na palavra amargurada do filósofo Isaiah Berlin. Tanto o Camboja tornou-se campo de extermínio, entre muitas outras barbaridades, como nos últimos dez anos tombaram assassinados 250 mil cidadãos dos Estados Unidos, perda maior do que na segunda guerra.

No atentado no metrô de Tóquio rompeu-se o tabu sobre uso de armas químicas em atos terroristas contra populações civis. "Com isso o mundo mudou e certamente não para melhor", diz Kyke B. Olson, do Centro de Controle das Armas Químicas e Biológicas, de Washington. Jornais japoneses convidaram Olson a examinar o que aconteceu em Tóquio e ele logo advertiu que se "abre" uma nova fase de violência e horror.

Pede que os governos, como medida de redução de riscos, se incorporem à *Chemicals Weapons Convention*, de destruição das armas químicas, mas o universo oficial não parece interessado no assunto.

Tampouco milicianos americanos, retratados no livro *The Silent Brotherhood*, aceitam que o governo federal acabe com seu "direito sacrossanto

de portar armas". Não só Oklahoma. Há a guerra santa contra o aborto. Num dos tantos *talk shows* de rádio da direita religiosa americana, hoje uma de suas armas mais poderosas, Roy McMillan, chefe do *Christian Action Group*, admitiu "cortar a garganta de médicos que fazem aborto" e decla-

A questão da violência não se coloca à direita ou à esquerda, mas em alienação, fúria, frustrações e até insanidade

rou justificável matar juízes da Corte Suprema que permitem isso. Clínicas e médicos já foram alvejados e o próprio presidente "está em perigo", na opinião nada desprezível de McMillan.

Referência à posição de Clinton, favorável ao direito de escolha das mulheres. Clinton caiu de pau em cima das "emissões de ódio" da extrema-direita, logo depois do atentado de Oklahoma; mas os que se voltam para este século de "massacres e guerras", como o agrônomo francês René Dumont, especialista em Terceiro Mundo, e o jornalista Richard Harwood, insistem em que a questão não se coloca à direita ou à esquerda, mas em alienação, fúria, frustrações e até insanidade. O mortífero Sendero Luminoso, escreve Eric Hobsbawm, historiador

inglês, "foi presente indesejável da universidade de Ayacucho", de uma classe média educada e supostamente civilizada.

Também as brigadas vermelhas italianas e alemães. Nenhum sistema político ou econômico conseguiu, neste século, atender a anseios de muitos e incansáveis milhões. O socialismo soviético fracassou "miseravelmente". Nos países capitalistas, avançados e não avançados, aumentam as distâncias entre ricos e pobres. Vide Estados Unidos. No debate sobre o *personal responsibility act*, que trata da ajuda do governo aos pobres americanos, o deputado John Mica, da direita republicana com o controle do Congresso, empunhava cartaz dizendo "não dê comida aos jacarés". O mesmo aviso, afixado nos pântanos da Flórida, procura preservar a capacidade do réptil de virar-se por conta própria.

O deputado acha que o atual *welfare* dos Estados Unidos, segundo ele baseado na caridade e no não-trabalho, altera igualmente a ordem natural das coisas. Logo, não dê comida aos pobres. Não bastasse tudo isso, o *Arms Trade News* diz que o mundo se transforma num supermercado de armas. Só o barril de pólvora, que é o Oriente Médio, com suas legiões de miseráveis, comprará até o final do século armas no valor de 64 bilhões de dólares.

Newton Carlos é jornalista.

O DIREITO DE MATAR

Janio de Freitas

A cada artigo contestando a ferocidade oficial como solução para a criminalidade no Rio, ou em qualquer lugar, é invariável a reação numerosa: "venha morar no Rio, venha ser assaltado e vamos ver se a sua opinião não muda". Isso mesmo passou-se mais uma vez, a propósito do direito dado às polícias fluminenses de matar sem risco de punição ("Não quero que meus policiais sejam punidos" — Marcello Alencar, governador do Estado, sobre o assassinato de 13 marginais que se ofereciam à rendição).

Você, leitor, já foi assaltado? Já teve o cano de um 38 engatilhado na sua testa? Já teve roubado um carro novo? Já teve a casa invadida e roubada? Já foi imobilizado por armas e levado como um seqüestrado? Tem um filho que já foi assaltado quatro vezes? Se já passou por tudo isso, não se gabe: seu currículo apenas empata com o meu, que não está todo aí. Vê-se que não preciso mudar para o Rio — é evidente que moro nele e, mais, vizinho de uma favela. E, para quem duvide, tenho testemunhas de que, apesar dessa condição topográfica, continuo vivo. Por isso mesmo, contrário à concessão do direito de vida e morte a quem quer que seja.

Nenhum poder é maior do que o poder de vida e morte. Este é, no entanto, o poder agora posto explicitamente nas mãos dos policiais do Rio por Marcello Alencar, com apoio também explícito do ministro do Exército, de meios de comunicação cariocas e até de um alto prelado, além dos me-

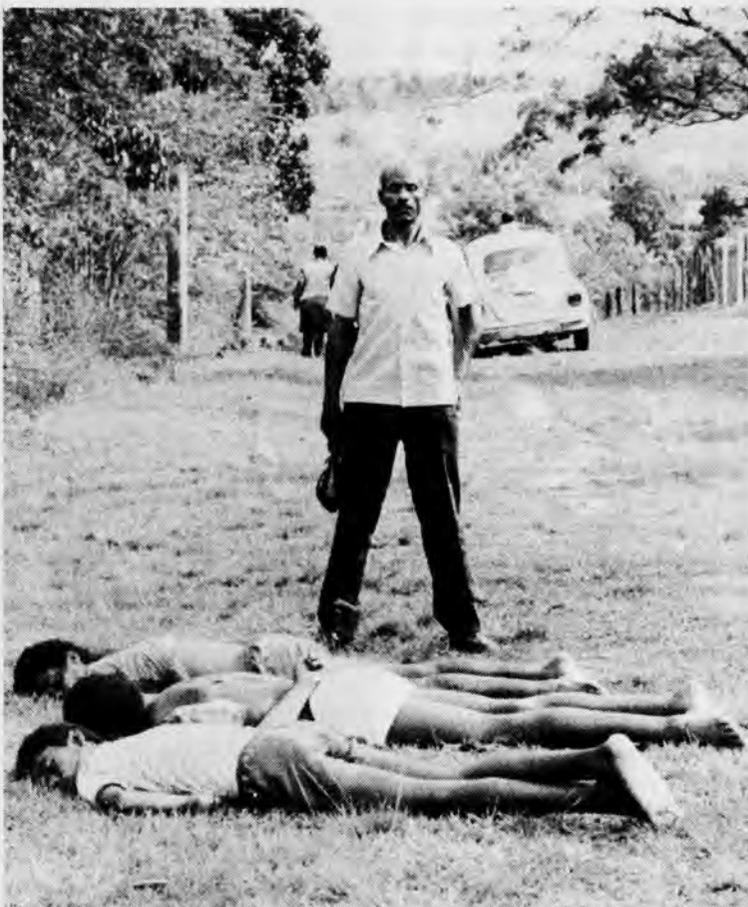
nos notórios. Aos policiais de mentalidade tão bem conhecida, é dado o poder que a recusa constitucional à pena de morte nega aos próprios magistrados.

Mas em 24 horas vinha o primeiro efeito do novo poder. A descrição da cena é inesquecível: supostos marginais em fuga invadem um casebre, uma das três crianças moradoras,

Nenhum poder é maior do que o poder de vida e morte

aterrorizada, esconde-se sob a cama e os policiais, pressentindo aí um presença, atiram e matam. A julgar pelo seu silêncio a respeito, aos que celebraram o poder policial de matar não importou que fosse apenas um assustado menino de dez anos. Importante foi omitir providências e cobranças que pudessem resultar em embaraços (em punição, nunca) para o matador.

Admitamos, não mais do que pelo tempo de um parágrafo, que a violência policial a granel seja capaz de resolver o problema da criminalidade ur-



Chacina em Nova Iguaçu/RJ: pai olha filhos assassinados

bana. Quantos milhares, nesse caso, terão que ser mortos? Porque é incalculavelmente gigantesco o contingente dos que vivem entre a pequena e a grande marginalidade criminosa. A morte de uns intimida os demais? Engano. Todos agem embalados pelo tóxico, que reduz ou anula o instinto de conservação e dá a audácia para o ato sem limites. Isso já foi dito por muitos deles, naquelas entrevistas em que se dizem conscientes de que a morte os apanhará cedo, porque estão para o que der e vier. É a maneira, a que foram levados, de sentir-se gente e heróicos.

O problema da criminalidade urbana é todo ele muito complicado. E sua complexidade está envolta em equívocos de muitos, hipocrisias de outros e vigarices que unem bandidagem e "autoridades". Disputas a bala por pontos de drogas fazem o escândalo da criminalidade. Atribuir o problema do Rio a essas disputas é, porém, um dos tais equívocos que só dificultam mais. As disputas são localizadas, bem delimitadas mesmo e ocasionais, hoje aqui, amanhã ali. A insegurança generalizada, e pior, provém de outra generalização: o assalto, o roubo, cujo desfecho nunca se sabe se será a perda apenas material.

No Rio de hoje, só os insensatos não têm algum medo ao estacionar ou desestacionar o carro. Parar em sinal de trânsito é um perigo. Andar a pé por qualquer rua, qualquer mesmo, é risco permanente. Motocicleta com dois homens? não deixe se aproximar. Os ônibus divi-

dem-se, conforme as linhas, entre os que têm assaltos todos os dias e os que têm quase todos os dias. Os donos silenciam sobre os assaltos a restaurantes, hotéis, lojas, mas os casos são corriqueiros. É um grave equívoco, portanto, atribuir o problema da criminalidade só aos traficantes. A insegurança vem, sobretudo, dos assaltantes e ladrões.

A concessão do direito de matar nega autoridade e inteligência — os dois únicos atributos que podem resolver o problema da criminalidade em qualquer lugar

É equívoco de uns e hipocrisia de outros. Para estes, que estão instalados no poder público, é menos embaraçoso atribuir tudo a bandos de traficantes infiltrados nas favelas. Assim encobrem sua absoluta omissão, por descaso mesmo, nas medidas preventivas, de ordem socioeconômica, e repressivas, de ordem policial, contra o tipo de criminalidade que mais produz a insegurança e o medo generalizado.

As favelas são celeiros desta criminalidade por culpa direta e única dos governadores e prefeitos que as deixam crescer e multiplicar-se incessante e infinitamente, para não perder votos e até ganhá-los (como prefeito, Marcello Alencar tornou-se autor de vá-

rias favelas, inclusive em pontos nobres). E as abandonam todas na degradação, porque as ciclovias e outras fresquices é que fazem o *marketing* nos meios de comunicação sempre voltados para as boas classes sociais.

Os equívocos de muitos e a hipocrisia de outros alimentam o conto do vigário que é o policiamento contra assaltos e roubos. No centro do Rio, como de São Paulo e demais grandes cidades, encontram-se nas ruas pontos de compra de jóias, relógios, canetas caras, óculos. Nos subúrbios e na periferia do Grande Rio vêem-se placas propondo "compra de ouro, colares, pulseiras, alianças, anéis". Em plena rua e nessas bibocas estão os receptadores em ação, comprando o produto dos trombadinhas e assaltantes. Os ferros-velhos de carros novos são a mesma coisa. E por que não há ação contra eles? Quando, de raro em raro, acontece uma, o comum é policiais e PMs por trás do negócio. O que explica a proliferação, tão mais rentável do que o trabalho regular, da delinquência urbana.

A violência é o oposto da autoridade. E também da inteligência. A concessão do direito de matar nega autoridade e inteligência — os dois únicos atributos que podem resolver o problema da criminalidade no Rio e em qualquer lugar.

Janio de Freitas é jornalista da Folha de São Paulo.

Texto publicado na "Folha de São Paulo", dia 14/5/95.